

Subjetividades Construídas: A Perversão como Resistência

Viviane Narvaes (UNIRIO)
GT – Territórios e Fronteiras
Palavras-chave: corpo, arte carnal

A presente comunicação propõe a análise de um corpo que se converte em espaço onde se friccionam as marcas de formação de um indivíduo, sua história pessoal e sua inserção no mundo social, e para tanto, não podemos deixar de discutir pelo viés da construção de sua subjetividade. Entendendo por subjetividade esse espaço atritado que instaura leituras e vivências da realidade. Na medida em que são essas marcas singulares adicionadas ao conjunto de valores comuns das sociedades que vão fundar a experiência histórica dos homens.

Observaremos essas questões a partir da fotografia de Orlan, *Masque de société d'initiation Fang Gabon et visage de femme euro-stéphanoise*. Entretanto, como estamos falando sobre a discussão da arte num corpo feminino, como é o caso de Orlan, entendemos que a experiência histórica é um fator relevante para nortear nossa reflexão. Sendo assim, a subjetividade pode ser pensada no diálogo com as estruturas sociais, como uma construção que se dá nesta relação dinâmica.

Via de regra o culto ao corpo está associado a uma noção de saúde física e mental e no mundo contemporâneo, esse mundo da imagem onde “... a verdade é um momento do que é falso.” (DEBORD, 2006 p 14) as intervenções cirúrgicas nos corpos com finalidade de melhorá-los em sua aparência estética ligada a padrões de beleza relativamente estáveis vêm ganhando popularidade, seja pela massificação desses padrões, seja pelas novas técnicas médicas. Nossa sociedade aceita e dissemina essas práticas. Porém como veremos a seguir, a artista Orlan, está ocupada em discutir estas formas de dominação dos corpos, por meio de procedimentos artísticos radicais pervertendo o uso das técnicas médicas e das demais práticas de modificação e inscrição nos seus corpos.

A idéia de perversão nos parece bastante interessante, pois normalmente associamos o termo a comportamentos “fora do normal” e já foi o termo pejorativo para descrever alguns comportamentos sexuais incomuns. A medicina tradicional já abandonou este termo e criou nomenclatura própria para comportamentos sexuais que são considerados incomuns. Dito isto voltemos nossa atenção ao fato de que o termo perversão descreve a idéia de um comportamento desviante daquele que é usual.

Para pensar então, esta dimensão do desvio, passemos a olhar para a arte da performance que de certa forma tem esse caráter pervertido de que estamos falando. Segundo Goldberg (2006: prefácio VIII), a Performance é uma forma de expressão híbrida, que no tocante a relação com os espectadores é multifacetada, constituindo uma linguagem que mistura a arte e a vida, onde a ação é a potência da vida e é o elemento que confere ao artista uma presença na sociedade. Os estudos dessa autora vêm de encontro aos nossos anseios no sentido de que a performance seria entendida como um meio expressivo maleável e indeterminado. A autora (2006) ainda alerta que essas infinitas variáveis têm sido utilizado por artistas que

estão insatisfeitos com as formas dominantes da arte buscando desviar-se dessas formas instituídas utilizando a performance como meio expressivo de suas idéias.

Essa base volátil da performance foi em diferentes momentos históricos o meio de romper com a arte instituída, bem como foi também utilizada para a destruição das barreiras entre arte e cultura popular e que, nos discursos multiculturalistas e da globalização, é um meio bastante utilizado para discutir a “diferença”.

Orlan na série *Self-hybridation Africaine*, por exemplo, nos dá uma mostra dessas possibilidades em sua arte. É preciso notar que os procedimentos adotados por Orlan, por suas qualidades de perversão, escapam até mesmo das definições mais ordinárias de performance arte e ganham nomenclatura própria de sua autora - *Arte Carnal* – que segundo Eunice Gonçalves Duarte,

“Não se trata de nenhuma variante da *body art* dos anos 60, antes é precisamente o contrário, já que esta prática não deseja a dor procurando por estes meios a purificação, nem procura resultados finais, mas sim que se tome cada *performance* por si e que a modificação do corpo se torne tema de debates públicos”.

Depois de realizar nove cirurgias filmadas, cujo momento das incisões e aplicações dos implantes faz parte de sua obra, ela realizou uma outra alteração radical, colocou em sua face um nariz cujo tamanho foi idealizado como a maior dimensão que o rosto poderia suportar.

Nesta fotografia, de 2004, parte de uma série de retratos onde Orlan é fotografada caracterizando-se com temas africanos, podemos notar acima de suas sobrancelhas um de seus implantes. O caráter definitivo e emblemático das transformações que faz em seu corpo é agregado a esta imagem de forma bastante sutil, poderíamos pensar que é parte da máscara africana.

Aquelas características únicas de Orlan, os seus implantes, chegam a nossos sentidos por meio dessa imagem como “se” fossem expressões de matrizes africanas. Ela inventa a si mesma e redimensiona a discussão da diferença numa espécie de meta performance. Onde a simulação do real se confunde com a construção arbitrária de um corpo, gerando múltiplas leituras.

Orlan é de certa forma uma hibridação de possibilidades que não se acaba, não há um projeto final definido. Não há um resultado para ser alcançado, à medida que novos projetos se desenham no imaginário da artista, ela vai se remodelando numa analogia transgressora dos processos de subjetivação. Onde nunca se está acabado, aonde as experiências vão se somando, de certa forma aleatoriamente como numa bricolagem, porém para Orlan o que interessa é o processo, a construção, o desnudamento, o estado de abertura. A construção subjetiva do feminino em constante transformação mostrada em carne e sangue, por dentro e por fora. Em seu manifesto da *Arte Carnal* ela afirma: "Observo meu corpo sendo cortado e não sofro!"

Orlan, em nosso entendimento, esta também fazendo do espaço de seu corpo um espaço de luta. Através da performance cirúrgica que se perpetua em seu corpo, ela confunde nossos sentidos externando a imagem da mulher na sociedade, sua própria imagem e aquela outra que surgirá a partir da dor, do corte e do sangue. Que surgirá como um desenho inacabado, incerto e sem par. Singular, mas que tem por objetivo colocar o corpo e o feminino em debate talvez até, numa perspectiva universalizante.

Finalmente quando estamos tomando essa prática como tática de resistência, o fazemos utilizando o conceito de Certeau¹, onde tática é a capacidade de ação utilizada por aquele que não pode exercer nenhum controle espacial, que não pode visualizar a totalidade fora de um ambiente e que tenta “captar no vôo” possibilidades de ganho. (CERTEAU, 1994).

A resistência, nesse caso encontra sua concretização no espaço individual do corpo, modificando-o na tentativa de libertá-lo. E esta tentativa circunscreve-se no tempo das ações cotidianas, ou seja, num constante exercício criador e recriador de possibilidades em meio à violenta ordenação de nossa sociedade.

Bibliografia

CERTEAU, Michel de. **A Invenção Do Cotidiano: Artes De Fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994

COHEN, Renato. *Performance e tecnologia: o Espaço das tecnoculturas* In: <http://hemi.nyu.edu/fórums/os/messages/63.shtml>

DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo - Comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

DUARTE, Eunice Gonçalves. **Orlan, do Outro Lado do Espelho** . Disponível em <http://bocc.ubi.pt/pag/Duarte-Eunice-Orlan.html> Acesso em 13 de março de 2007

GOLDBERG, RoseLee. **A arte da performance, do futurismo ao Presente**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GROSENICK, Uta (ED.) *Mulheres artistas no século XX e XXI*. COLOGNE: TASCHEN, 2000.

KOSOVSKI, Giselle Falbo. **Para Que Serve? Quanto Vale? Reflexões da Psicanálise Sobre A Arte Contemporânea**. Livro produzido através da bolsa para Recém- Doutor concedida pelo CNPq. 2004.

ORLAN. *Self-hybridation africaine: Masque de société d'initiation Fang Gabon et visage de femme euro-stéphanoise* 2003 Digital photograph on color photographic paper, 125x156cm, edition of 7 - Disponível em http://www.michelrein.com/AR_Artiste.lasso?-MaxRecords=1&SkipRecords=0&Publication=publication%20web&Artistes::Artiste=Orlan Acessado em 5 de setembro de 2006.

¹ Certeau nos propõe uma teoria do cotidiano, onde as práticas de fazer, as astúcias dos consumidores, são táticas utilizadas para transformar e redefinir a produção sócio-cultural. Sua análise é ordenada em três níveis: modalidades de ação, formalidade das práticas e tipos de operação especificados pelas maneiras de fazer. (CERTEAU, 1994).

PIRES, Beatriz Ferreira. **O Corpo Como Suporte da Arte** São Paulo: Senac, 2005.